

# São Roque Antiguidades e Galeria de Arte

60

LUÍS DE ANDRADE PEIXOTO

MÁRIO ROQUE



**MÁRIO ROQUE É EXÍMIO NAS SUAS ESCOLHAS E A SUA GALERIA RESULTA NUM ESPAÇO DE DESLUMBRAMENTO E SURPRESAS. É NO DIÁLOGO INTEMPORAL, ENTRE PLASTICIDADES, CORES E SIMBOLOGIAS, QUE RESIDE O MÁGICO SEGREDO, NO QUAL OBRAS DE ACLAMADA REFERÊNCIA COMPÕEM O LUXURIANTE IMAGINÁRIO COM BRILHANTES PEÇAS DE AUTOR, SUAS E DE ANTÓNIO AFONSO LIMA. SEGREDO ESSE COM GÊNESE EM MARIA HELENA ROQUE, MÃE DE MÁRIO E PIONEIRA NO RAMO, QUE DESDE SEMPRE IMPRIMIU À “SÃO ROQUE” A AURA DE REQUINTE QUE A CARACTERIZA.**

**Artes & Leilões – Mário Roque, pelo princípio, conte-nos como começou a sua actividade de antiquário e galerista.**

Mário Roque – Muito novo, começo a acompanhar a minha mãe, colecionadora e grande mestra, a feiras e antiquários. Viajávamos frequentemente. Cedo tomei contacto com grandes feiras internacionais e eventos relacionados com antiguidades. Adquiri fascínio por este mundo. O desejo de correr o mundo à procura do objecto, de descobrir “a peça”. Posteriormente, na Bélgica, onde tirei o curso de medicina, que ainda hoje exerço, descubro a arte contemporânea. Bruxelas é uma cidade extraordinária, com uma visão quase universal e uma grande abrangência, quer no mundo das antiguidades quer no da arte contemporânea. Foi, sem dúvida, importante para aumentar e solidificar os meus conhecimentos; descobrir novos horizontes... Regressado a Portugal, colaboro com a minha mãe no antiquário da Rua de São Bento. Embora exercendo a minha actividade como médico, não conseguia resistir... e, ao longo desses anos, fui absorvendo todos os seus conhecimentos e rigor. Em Setembro de 2007, decidi dar um passo em frente. Instalarmo-nos no 199B, na mesma rua. Um espaço único, com cerca de 300 metros quadrados, que permite, pela leitura que os vários objectos adquirem, uma maior comunicação com o visitante.

**A & L – É também colecionador? Como define o seu coleccionismo?**

Mário Roque – O termo “coleccionador” não se adapta de forma significativa a mim. Gosto de “objectos tipo”. Lembro-me de uma altura em que gostava de comprar pintura datada do ano em que nasci. Se gosto de um determinado pintor, acabo por adquirir várias obras desse mesmo artista, reunindo, por vezes, um número significativo de trabalhos. Acontecem assim exposições temporárias. Inaugurámos este novo espaço com uma exposição de Joaquim Rodrigo, trabalhos interessantíssimos deste pintor, anteriores ao neofigurativismo, mas em muitos prevendo-se já o seu percurso. As próximas serão Bernardo Marques e peças eleitas de Arte Lusitana do Sudeste Asiático, dita de “fusão”.

**A & L – Quais são os critérios para as suas escolhas?**

Mário Roque – Ao adquirir um objecto, uma peça, o ponto de partida é sempre a sua autenticidade. Não gosto de cópias nem de coisas de estilo. Seja o que for tem de ser verdadeiro. Este é o meu ponto de partida: a autenticidade.



Cavalo de Terracota (dinastia Han) sobre bidon da Shell



Vista da loja | "Pretendo que o meu espaço seja uma festa"

## 62 A & L – Que quadrantes artísticos prefere? Autores e obras de arte...

Mário Roque – Obviamente que existem épocas para as quais estou mais sensibilizado. Há sempre, ou quase sempre, pintores em diferentes épocas e movimentos de que gosto. Tenho um leque bastante variado de pintura e obras de arte, internacionais e portuguesas: antiga, naturalista, moderna e contemporânea (originais de Dalí, Chagall, Miró, Arman e Cèsar, Malhoa, Silva Porto, Paula Rego, Amadeo e Vieira da Silva, entre outros). Na São Roque existem também peças de mobiliário, antigo e de vanguarda, peças de cariz étnico e indo-portuguesas, pratas, louças e terracotas num espectáculo visual e cultural abrangente. E as peças de autor: criadas por mim e por António Afonso Lima, resultante de troca e discussão de ideias, muitas vezes a partir da descoberta do objecto e sua idealização. Lembro o contador Nambam, séc. XVII, assente em trempe contemporânea com aplicações de talhas do séc. XVIII, a consola e a *coffee table* em sucata prensada, o Menino Jesus Indo-Português do séc. XVII em que a estrutura da peanha é o arame de uma rolha de champanhe banhada a ouro, entre outras.

### A & L – E os museus e exposições que o fascinam?

Mário Roque – Foi inevitável: apanhei o avião para ir e voltar no mesmo dia. Fiquei impressionado com a exposição da Paula Rego no Rainha Sofia. Gosto muito de viajar, visitar feiras e exposições de arte. Ir a Paris é também ir ao Louvre. Em Nova Iorque, o Moma é paragem obrigatória. Por vezes fico surpreendido com pequenas exposições em galerias de bairro. Descobrem-se talentos inesperados. Mas a verdade é que acabo por ter pouco tempo e não vejo tudo o que gostaria.

### A & L – De que maneira o panorama cultural nacional o impressiona, ou não?

Mário Roque – Claro que me impressiona positivamente. Sabe que exercer medicina e ter mudado em Setembro para um espaço destes tomou-me o tempo. Preciso de parar e ver, visitar. Quero visitar ateliers de pintores novos. Existem muitos bons talentos e é bom por vezes a aposta

em gente que ninguém ou quase ninguém conhece. Preciso parar para o fazer em breve.

### A & L – Como entende a importância dos museus?

Mário Roque – Existe uma colaboração estreita entre os antiquários e museus. Muitas vezes pedem-nos peças para as suas exposições. Lembro, por exemplo, a exposição de João Vaz ou de António Firmo da Costa na Casa-Museu Anastácio Gonçalves, a exposição de Alfredo Keil no Palácio Nacional da Ajuda e, mais recentemente, a do Sudeste Asiático, organizada pelo Centro Científico e Cultural de Macau. Esta ligação é, sem dúvida, importante. Noutra óptica, os museus podem contribuir para a venda de uma peça. Quantas vezes os clientes são tentados a comprar um objecto, porque viram um idêntico num museu.

### A & L – Ao nível profissional quais os objectos que mais o marcaram?

Mário Roque – O superlativo é perigoso. Mas sim, já aconteceu objectos marcarem-me. Não vou esquecê-los, mesmo que já não os possua. O óleo de Amadeo de Souza-Cardoso ou o cofre de Guzarate. O tabuleiro Nambam ou a Nossa Senhora da Conceição Cingalo-Portuguesa em marfim com 42 centímetros. Vivo com um trabalho de Arman com caricas dentro de um violino aberto. É muita arriscada a eleição. Acho, não, tenho a certeza que todos os objectos têm uma história e essa história é sem dúvida importante, quase tanto como o próprio objecto.

### A & L – Como define os seus clientes? O que os move?

Mário Roque – Não tenho o direito de definir ninguém. Estou prontíssimo a definir-me. A definir o que gosto, a definir o meu trabalho e alguns objectivos. Definir clientes... sei que entra muita gente, muito variada, na minha loja. Gente já conhecida, mais clássica, que é receptiva a todo este novo conceito e gente muito jovem, o que vem confirmar o esforço que faço em actualizar-me no tempo. Dá-me prazer sentir que jovens são receptivos às propostas que tenho para oferecer no Espaço São Roque.

**A & L – E a um nível mais geral, dentro da arte antiga, como definiria os gostos mais comuns? Limitativos? Abrangentes? Muito característicos dos portugueses?**

Mário Roque – Como os portugueses estão associados às viagens pelo mundo, arrisco em fazer um comentário: tínhamos o dever de ser mais abertos. O povo português tem sempre um pouco de receio da diferença. No entanto, cada vez mais se conhece gente receptiva à inovação. A contribuição dos media e da internet tem sido crucial nesta mudança.

**A & L – Certamente terá episódios interessantes relacionados com a sua actividade profissional. Quais lhe vêm à memória?**

Mário Roque – Um dia, numa sexta-feira, entrou na loja uma cliente que se mostrou interessada num tapete persa. Pediu-me se o mandava a casa para ver se o marido gostava. Caso contrário, entregar-me-ia o tapete na segunda-feira seguinte. Acedi. Foi-me entregue o tapete, passados alguns dias, pelo seu *chauffeur*. Infelizmente, o marido não tinha gostado. Posteriormente, vi uma reportagem nas colunas sociais de uma revista sobre uma grande festa em casa da senhora. E o meu tapete estava no chão da sala... Durante as obras da nova loja encontro uma harpa dos finais do séc. XVIII, de Sebastian Erard, numa casa de velharias. A descoberta desse objecto deu origem a uma aventura que passa pelo envio do instrumento para Paris para ser restaurado, a contra-relógio e com uma série de contratemplos.

Final da história: a inauguração da loja durante as noites de São Bento... com um concerto de harpas.

**A & L – Neste momento quais são as peças de referência que destaca na sua loja?**

Mário Roque – Em pintura posso destacar um quadro da Vieira da Silva que foi exposto na Europalia, em Bruxelas; um desenho fantástico do Braque; uma Paula Rego da fase do “Peter Pan” e um excelente trabalho de Miró. Na “arte de fusão” realço: placa de marfim representando Nossa Senhora do Rosário com dimensões fora do comum; bandeja com reservas Nambam e estante de missal com as insígnias dos Jesuítas, ambas do séc. XVI, do Sudeste Asiático. Destaco ainda uma meia-cómoda D. João V do Palácio da Pena e que pertenceu ao espólio da Condessa de Edla. E claro, duas das nossas peças de autor: a consola de sucata prensada e as Santas de Roca montadas em suporte contemporâneo, de ferro.

**A & L – Como caracteriza a sua metodologia profissional? Um pouco ao acaso e feita de surpresas? Com muita investigação em busca de objectos desejados? Adquire muito em viagens?**

Mário Roque – Nada melhor do que irem à minha loja para lerem e terem a percepção do resultado do meu trabalho. Penso que se lê ou é visível um espaço internacional, onde existe todo um jogo de volumes, cores e formas. Eu pretendo que o meu espaço seja uma festa para o espectador. Tenho o pescador do José de Guimarães



Cofre de Guzarate Lusíada de influência Mogol I Séc. XVII / XVIII



Caixa de Contrabaixo  
para exposição de marfins



NINA KOGAN  
"Suprematisme", c.1920-25  
Aguarela e guache sobre papel | 55 x 41 cm

64 dentro de um oratório, uma irreverência, de maneira nenhuma fazendo humor, antes pelo contrário; esculturas de santas indo-portuguesas em madeira policromada coabitam neste cenário com figuras em terracota chinesas; pintura nas paredes, cavaletes e quantas vezes sobre cadeiras e mesas, numa aparente desarrumação mas que para mim, sempre, numa preocupação da harmonia; peças de autor da São Roque tendo como ponto de partida o aproveitamento do objecto ou atribuindo-lhe outra função: um armário expositor de marfins a partir de uma caixa de contrabaixo; uma consola construída em sucata de metal prensado. Sei lá, a minha metodologia é a viagem, é a procura nos livros, que aliás, podem ser consultados neste espaço, assim como as pessoas. Aprendo com as pessoas também, sempre.

**A & L – Qual foi a maior surpresa que teve ao longo da sua actividade de antiquário e galerista?**

Mário Roque – Ter vindo parar-me às mãos o Cofre de Guzarate. É uma peça em madeira revestida a madre-pérola, em escamas de peixe e círculos de rosáceas, realçadas por placas de tartaruga e fixadas com pinos de prata. É uma magnífica peça. Já a vendi. Felizmente ficou em Portugal.

**A & L – E a maior desilusão?**

Mário Roque – Tenho dois trabalhos de Amadeo de Souza-Cardoso. Um óleo sobre tela e um desenho sobre papel. Fiquei desfeito no dia em que mandaram chamar-me a um centro de restauro, onde tinha depositado o desenho para ser limpo: encontrei-o todo danificado.

**A & L – Que peça desejaria que lhe passasse pelas mãos?**

Mário Roque – Um Stradivarius.

**A & L – A Rua de São Bento é uma área de referência para o antiquariato lisboeta e nacional. Por isso era o local óbvio para o seu estabelecimento? Que mudanças têm havido neste imaginário?**

Mário Roque – São Bento foi durante muito tempo zona de velharias. Alguns antiquários apostaram e transformaram-na numa zona de referência. Era importante que mais antiquários de renome viessem para aqui.

**A & L – Como está "o mercado" nos dias de hoje?**

Mário Roque – Os tempos são outros sem dúvida. Os gostos mudam e os antiquários têm de acompanhar a evolução. A inovação é a minha grande aposta. As peças não podem ser vistas de forma rígida. Todos os objectos, antigos ou de vanguarda, têm a sua dinâmica e sua relatividade. Temos de saber transmiti-la às pessoas. Se o soubermos fazer haverá maior aderência do público.

**A & L – E como se projecta a médio e longo prazo?**

Mário Roque – Dinamizar o novo espaço com mais intervenção, como por exemplo, debates sobre temas e peças relevantes, exposições, encontros de música, tudo motivos para uma rotação que vá acontecendo e trazendo sempre a sensação de mudança, renovação e claro, inovação. E continuar a estudar, viajar, procurar... e, porque não, ensinar.

**A & L – Finalmente de que objecto não prescindiria?**

Mário Roque – O Ming. O meu Teckel de pêlo cerdoso. Peça única e autêntica, claro. |

São Roque Antiquidades e Galeria de Arte  
Rua de São Bento, n.º 199B  
1250-219 Lisboa  
Tel.: 213960734  
Dr. Mário Roque: marioroque@netcabo.pt